# “A NECESSIDADE DE CONTAR AOS OUTROS”: MEMÓRIA TRAUMÁTICA E NARRATIVA TESTEMUNHAL EM *É ISTO UM HOMEM?,* DE PRIMO LEVI

Paulo Sérgio Machado Araújo¹

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

[paulosmaraujo@aluno.uespi.br](mailto:paulosmaraujo@aluno.uespi.br)

**RESUMO**: O Holocausto – ou a Shoah – é um tema inesgotável e está presente em diversas áreas do conhecimento. Dentre elas, a Literatura. Pretende-se, por meio da obra *É isto um homem?,* de Primo Levi, levantar questões acerca da memória traumática e da narrativa testemunhal. Para tanto, a partir da referida obra, apoiar-nos-emos nos teóricos Márcio Seligmann-Silva (2003), Lejeune (2008), Paul Ricoeur (2007), Halbwachs (1990) e Pollak (1989) dentre outros. Deste modo, a obra *É isto um homem?* traz debates que ainda hoje levam o leitor a fazer uma reflexão crítica acerca de um dos fatos mais terríveis da humanidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Holocausto. Memória Traumática. Testemunho. Primo Levi: É isto um homem?

**ABSTRACT**: The Holocaust – or the Shoah – is an inexhaustible theme and is present in several areas of knowledge. Among them, literature. It is intended, through the work Is this a man?, by Primo Levi, to raise questions about traumatic memory and witness narrative. To this end, from this work, we will rely on the theorists Márcio Seligmann-Silva (2003), Lejeune (2008), Paul Ricoeur (2007), Halbwachs (1990) and Pollak (1989) among others. So, the work Is this a man? it brings debates that still today lead the reader to make a critical reflection about one of the most terrible facts of humanity.

**KEYWORDS**: Holocaust. Traumatic Memory. Testimony. Primo Levi: Is this a man?

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

No presente artigo, apresentamos como tema Memória traumática e narrativa testemunhal em *É isto um homem? (1988),* de Primo Levi. Analisar esta obra contribuiu para perceber as consequências que o Holocausto exerceu na vida do escritor Primo Levi, levando-se, especificamente, em conta a memória e o trauma na escrita testemunhal.

Estudar a obra *É isto um homem?* se justifica por algumas razões. Dentre elas, a inovação apontada no que diz respeito à memória traumática e à narrativa de testemunho. Tem-se a intenção com este estudo, portanto, de refletir acerca dos aspectos desse período bárbaro da História mundial e as consequências traumáticas na vida do autor. O presente trabalho intenciona também colaborar com pesquisas no que tange a memórias, narrativas traumáticas e escrita de si. Esta obra de Primo Levi traz de forma contundente a temática do trauma e da narrativa testemunhal e aborda, portanto, a narrativa autobiográfica. O narrador em primeira pessoa nos relata, apoiado na rememoração de sua vida na época da perseguição nazista aos judeus, toda sua trajetória no campo de extermínio.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

¹ Mestrando em Letras da Universidade Estadual do Piauí - UESPI

A obra analisada neste trabalho apresenta questões que reverberam no discurso da história ao longo da Segunda Guerra, marcado por experiências traumáticas e pelo genocídio. São relatos que norteiam este estudo, embora seja difícil e doloroso compreender a complexidade dos processos de desumanização do homem na história. Assim, as considerações levantadas neste trabalho, servem como discussão inicial dos autores escolhidos. Elas se enquadram nos estudos literários contemporâneos, a fim de evidenciar indagações importantes para a compreensão do processo histórico em que o que é proposto pela literatura se mostra como uma forma de nos remeter à problematização e à complexidade que se refletem no estudo do passado trágico da humanidade.

Inicio tecendo comentários sobre a biografia de Primo Levi e, em seguida, abordo o enredo da obra *É isto um homem?*. Na seção seguinte, levanto as questões propostas no início deste trabalho, considerando os vários momentos da vida do autor-personagem e apoio-me nos teóricos também já citados para nossa análise. Na terceira parte do presente trabalho, faço as considerações finais.

Primo Levifoi um químico e [escritor](https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura) [italiano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Italia). Nasceu em Turim, na Itália, em 1919 e na mesma cidade faleceu em abril de 1987. Escreveu contos e memórias, além de poemas e novelas. Seu trabalho sobre o [Holocausto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Holocausto) o deixou muito conhecido, especialmente, por ter sido um prisioneiro em [Auschwitz-Birkenau](https://pt.wikipedia.org/wiki/Auschwitz-Birkenau). Sua grande obra *É isso um Homem?* é considerado um dos mais importantes trabalhos memorialísticos do século XX. Publicado pela primeira vez em 1958 por uma grande editora italiana, *É isto um homem?,* de Primo Levi, trata do relato do autor-personagem no campo – Lager – de concentração de Auschwitz . De forma contundente, Primo Levi ao longo de 18 capítulos, além do prefácio, relata todo seu sofrimento desumano por quase um ano. O relato de Primo Levi nos faz refletir como ele conseguiu sobreviver por tanto tempo carregando dentro de si memórias tão traumatizantes. “A necessidade de contar aos outros”, segundo ele mesmo, seria uma forma de exorcização desse trauma?

***É ISTO UM HOMEM?* À LUZ DAS TEORIAS**

Autobiografia é uma narrativa que busca, em certa medida, ser fiel aos fatos. Tendo por base histórias pessoais, diversos autores vêm construindo discursos artísticos quem ampliam as possibilidades de narrar e compartilhar experiências. Neles, o autor, narrador e protagonista ocupam o mesmo papel.

O teórico francês Philippe Lejeune em seu livro *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet* (2008) assim conceitua a autobiografia: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” (LEJEUNE, 2008, p. 14). O autor também afirma em relação à autobiografia: “A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala” (LEJEUNE, 2008, p. 24).

Levando em consideração até agora o que foi dito por Lejeune, já é possível classificar a obra *É isto um homem?* como uma autobiografia. “A identidade narrador-personagem principal, suposta pela autobiografia, é na maior parte das vezes marcada pelo emprego da primeira pessoa.” (LEJEUNE, 2008, p.16). A título de ilustração, vejamos incialmente alguns trechos do prefácio que confirmam como sendo escrita autobiográfica: “Por minha sorte, fui deportado para Auschwitz só em 1944 [...] Este meu livro, portanto, nada acrescenta, quanto a detalhes atrozes [...] Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por ele” (LEVI, 1988, p. 7-8).

Ao longo de todo o romance isto também pode ser encontrado. Vejamos mais alguns trechos:

Fui detido pela Milícia fascista no dia 13 de dezembro de 1943. Eu tinha 24 anos [...] Nos interrogatórios que se seguiram, preferi declarar minha condição de “cidadão italiano de raça judia” [...] *Häftling*: aprendi que sou um *Häftling.* Meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo (LEVI, 1988, p. 11,12,25).

Costa (2013, p. 19) em sua tese de doutorado afirma que “alguns textos pertencentes ao gênero da escrita autobiográfica são as histórias de vida, diários de viagens, diários íntimos, testemunhos, memórias e a escrita epistolar, dentre outros tipos de escrita reconhecidos como escrita do eu.” Costa (2013, p. 30), ainda na mesma tese, discorre sobre o que é a escrita autobiográfica, reporta-se à definição proposta por Lejeune e afirma que:

Entram em jogo elementos pertencentes a quatro categorias distintas: a forma de linguagem, narrativa, prosa e tema tratado como sendo a vida individual de uma personalidade, a identidade do autor (que deve referir-se a uma pessoa real e coincidir com o narrador dos fatos e o personagem principal do texto). (COSTA, 2013, p. 30)

Trazemos mais alguns trechos que corroboram o que está sendo dito acima:

[...] se admitisse minha atividade política, não escaparia da tortura e da morte [...] Quando lá cheguei, em fins de janeiro de 1944, os judeus italianos no campo eram uns cento e cinquenta [...] Aqui estou, então: no fundo do poço. [...] Já apareceram, no peito de meus pés, as torpes chagas que nunca irão sarar (LEVI, 1988, p.12,35).

Além de definir escrita autobiográfica, Lejeune (2008) cunhou também o termo pacto autobiográfico que vem a ser “um compromisso que o autor assume de contar a história de sua vida de forma direta ou parcial em espírito de verdade” (LEJEUNE, 2008, p.7). Conforme o próprio nome já diz, o pacto autobiográfico é um contrato de verdade entre o autor e o leitor. Pode-se afirmar que tal pacto está presente na obra aqui analisada como o próprio Primo Levi (2008) afirma: “Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação.”

Visitar o passado para compreender o presente é um recurso muito comum em nossas vidas. Revisitar lembranças e acontecimentos pode nos ajudar a entender o que vivemos agora. Esse percurso é feito por alguns autores que escrevem autobiografias, memórias e autoficções. Por meio da escrita, buscam registrar acontecimentos da própria vida sob o olhar do presente. Primo Levi rememora não só seu sofrimento no campo de concentração – memória individual – mas também o sofrimento de milhares de pessoas que passaram pela maior catástrofe da humanidade – memória coletiva. Ao longo da narrativa, percebe-se que a biografia de Primo Levi se liga ao que entendemos como conceito de memória, que vem a ser o relato de lembranças reconhecidas por seu conteúdo seja histórico ou político. A esse respeito, pode-se afirmar que Maurice Halbwachs, nascido na França em 1877 e morto em 1945 em um campo de concentração, foi o precursor nos estudos sobre a memória. Para Halbwachs (2013), enxergamos nesse processo de trazer à superfície acontecimentos do âmbito individual, como no caso do narrador de *É isto um homem?,* o compromisso de também construir uma memória que se torne de teor coletivo. Halbwachs afirma que: “Não há memória que seja somente ‘imaginação’ pura e simples ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito” (HALBWACHS, 2013, p. 78).

Deve-se levar sempre em conta que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser analisado se não se considerar os contextos sociais já que são eles servem de base para o trabalho de reconstrução da memória. Halbwachs (2013), no que tange à memória coletiva, afirma que “Lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos [...] Isso acontece porque jamais estamos sós”. Existe, portanto, uma estreita relação entre memória coletiva e a individual, visto que ela se corporifica quando é partilhada por mais de um indivíduo. Halbwachs (2013) ainda afirma que:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Em algumas passagens da obra, o narrador-personagem, obviamente, reverbera não somente um sofrimento individual, mas também de milhares de outros judeus: “Sofríamos com a sede e o frio; a cada parada [no caminho para o campo de concentração], gritávamos pedindo água, ou ao menos um punhado de neve, mas raramente fomos ouvidos.” (LEVI, 2008, p. 16). Primo Levi relata com pesar a morte de uma garotinha judia: “Foi assim que morreu Emília, uma menina de três anos, já que aos alemães configurava-se evidente a necessidade histórica de mandar à morte as crianças judias.” (LEVI, 2008, p. 18). Primo Levi narra de forma traumática sua chegada juntamente com outros prisioneiros a Auschwitz: “A viagem levou uns vinte minutos. O caminhão parou; via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada (cuja lembrança ainda hoje me atormenta nos sonhos): ARBEIT MACHT FREI (grifos do autor) – o trabalho liberta” (LEVI, 2008, p. 20).

A respeito de trauma, convém referenciar o estudioso Seligmman-Silva (2008), pois ele discorre em muitos dos seus textos sobre trauma, além de narrativa testemunhal. Para Seligmann-Silva (2007), a questão do testemunho envolve tanto uma manifestação específica da linguagem em razão das situações-limite que traz em seu bojo como abarca reflexões morais e éticas. O centro das narrativas é a memória e mostra relação com o real. A respeito de textos produzidos pós-catástrofes, ele afirma:

Mesmo o texto aparentemente mais escasso em termos estéticos, pode guardar uma preciosa lição literária, assim como o romance aparentemente mais distante dos fatos, ou um relato muito denso em termos linguísticos contêm dados testemunhais. Testemunho e literatura são indissociáveis. (SELIGMANN-SILVA, 2007, p.2).

Seligmann-Silva (2007, p. 7) ainda ressalta que: “Devemos aprender a ver os próprios textos que nascem da catástrofe como eventos complexos que devem ser encarados em todos os seus estratos: estéticos, testemunhais, individuais, coletivos, mnemônicos, históricos etc.”

Termo etimologicamente de origem grega e que significa ferimento, Seligmann-Silva diz que o trauma traz em si questões que envolvem esquecer a cena do sofrimento e rememorá-la repetidamente; querer contar de modo claro e não conseguir dizer de modo total. O trauma pode ser decorrente da subjugação, da tortura ou do extermínio de várias pessoas, como é o caso do holocausto. Seligmann-Silva (2008) diz que “narrar o trauma tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer”. Isso acontece porque o ser traumatizado precisa retornar ao seu cotidiano a fim de reconstruir a sua vida. A nossa linguagem, entretanto, é incapaz muitas vezes de descrever, seja oralmente ou por escrito, o trauma. Isso pode ocorrer visto que, num primeiro momento, há um silenciamento fazendo com que o traumatizado não expresse por meio do testemunho a sua dor. Em várias passagens da narrativa, percebe-se o tom angustiante e depressivo do personagem-narrador: O trauma sofrido por Levi são percebidos e o leitor sente da mesma forma suas dores em cada palavra. Podemos ilustrar, por exemplo: “Portanto, acabado o frio, que durante todo o inverno nos parecia o único inimigo, demo-nos conta de ter fome, e, voltando ao mesmo erro, hoje repetimos: - Se não fosse por essa fome. Como poderíamos pensar em não ter fome? O Campo é a fome, nós mesmos somos a fome” (LEVI, 1988, p. 74)

E ainda sobre a brutalidade a que eram submetidos no que diz respeito à fome eterna que todos sentiam nos campos de concentração o depoimento de que não havia nem mesmo o suficiente para ou o mínimo para mitigar a fome e tudo era esquecido na hora de se alimentar o corpo para manter apenas a vida no mesmo: “Na frente da praça, há um canteiro, com a grama cuidadosamente aparada: lá são armadas as forcas, quando necessário [...] Aprendemos o valor dos alimentos, nós também, agora, raspamos o fundo da gamela [..]” (LEVI, 1988, p. 74)

Pode-se dizer que Levi sofre mais de uma vez, pois rememorar tudo que ele passou e expressar por escrito é um novo sofrimento tendo como pano de fundo o holocausto. Para Seligmann-Silva (2000), na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente e Primo Levi assim aborda a questão do tempo: “Hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa, escrevendo – hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido.” (LEVI, 1988 p. 105). Levi também narra: “Poderíamos, então, perguntar-nos se vale mesmo a pena, se convém que de tal situação humana reste alguma memória” (LEVI, 1988, p. 88).

O capítulo 5, intitulado Ka-Be (sigla de Krankrenbau que significa enfermaria), é um dos que chamam a atenção do leitor. Com riqueza de detalhes, como em outros capítulos, Primo Levi narra a condição degradante de homens doentes, semimortos e sem nomes, além de números: “Ao redor de nós, tudo nos é hostil [...] Nunca vimos seus limites, mas sentimos, ao redor, a presença má do arame farpado que nos segrega do mundo” (LEVI, 2008, p. 41). É nesse capítulo que passamos a conhecer *Null Achtzehn* (Zero-Dezoito, os três algarismos finais de sua matrícula):

“[...] Null Achtzehn já não é um homem. Imagino que até ele próprio tenha esquecido seu nome; em todo caso, comporta-se como se fosse assim. Quando fala, quando olha, dá a impressão de estar interiormente oco, nada mais do que um invólucro, como certos despojos de insetos que encontramos na beira dos pântanos” (LEVI, 2008, p. 41).

Devido a um ferimento no pé, o narrador chega a esta enfermaria e a rotina nesse novo espaço nos é relatada minunciosamente: da permanência dolorosa na longa fila ao relento a fim de ser admitido, passando pela humilhação ao ser examinado até o confisco dos “bens” que não passam de uma colher, o utensílio para tomar a sopa e o boné. Levi nos conta que há, basicamente, dois grupos, pois há uma regra fúnebre – ficar bom ou ser condenado à morte. Assim ele narra: “[...] poucos, porém, param lá mais de duas semanas e ninguém mais de dois meses: nesse prazo a regra é ficar bom ou morrer. Quem tende a ficar bom, é curado no Ka-Be; quem tende a piorar, do Ka-Be é mandado às câmaras de gás” (LEVI, 2008, p. 45).

Primo Levi nos relata uma das formas como fora examinado: “O enfermeiro aponta as minhas costelas ao outro, como se eu fosse um cadáver na sala de anatomia; mostra as pálpebras, as faces inchadas, o pescoço fino [...]” (LEVI, 2008, p. 48). Logo em seguida, recebe uma sentença de morte: “O enfermeiro [...] dirige-se a mim e, em quase-alemão, compassivamente, fornece-me uma síntese: - *Du Jude kaputt. Du schnell Krematorium fertig.* (Tu judeu liquidado, tu em breve crematório, acabado)” (LEVI, 2008, p. 48).

Ao longo do capítulo em questão, o narrador faz várias descrições da enfermaria. Uma delas é comparada ao limbo – lugar imaginário em que são deixadas coisas sem valor. Esse local de indecisão é assim descrito: “A vida no Ka-Be é vida no limbo. Os sofrimentos materiais não são muitos, a não ser a fome e os ligados às doenças. Não faz frio, não se trabalha, e – desde que não se incorra em alguma falta grave – não se apanha” (LEVI, 2008, p. 49).

Os que sofrem de disenteria são examinados a cada três dias. Os disentéricos apresentam-se em pares e têm que mostrar, ali e prontamente, que a diarreia continua. Eles têm somente um minuto para provar ao enfermeiro que ainda estão doentes. Após o diagnóstico dele, as bacias são lavadas depressa numa cuba e repassadas à dupla seguinte. Em caso de dúvida, o enfermeiro leva a bacia até o médico. Nesse trecho, ficamos sabendo que alguns, mesmo correndo sérios riscos, tentam trapacear trocando as bacias em troca de pão ou de sopa a fim de permanecerem mais alguns dias. É o caso de Pietro Soninno. Levi assim nos relata: “Pietro tem uma enterite bem leve, mas está aqui há vinte dias, gosta, descansa e engorda, nem liga para as seleções [triagens] e resolveu ficar no Ka-Be até o fim do inverno, custe o que custar” (LEVI, 2008, p. 53).

A enfermaria é, segundo o narrador, um Campo livre do sofrimento físico. Aqueles que ainda possuem um germe de consciência, podem recuperar essa consciência. Levi reflete, em seguida, sobre isso: “[...] por isso, nos eternos dias vazios, a gente não fala apenas de fome e de trabalho; chegamos a considerar como nos transformaram, o quanto nos tiraram, o que é a nossa vida” (LEVI, 2008, p. 54).

Em outros capítulos da obra, Primo Levi questiona o que vem a ser humanidade e até que ponto vai a maldade de uns contra os outros humanos. O processo de desumanização se dá em diferentes níveis e situações de violência e crueldade.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos acerca da literatura de testemunho têm crescido consideravelmente e analisar a obra *É isto um homem?* contribui para perceber as consequências que o Holocausto exerceu na vida do escritor Primo Levi, levando-se, especificamente, em conta a memória, trauma e narrativa testemunhal. O autor-personagem procurou transmitir, fielmente, aquilo que realmente aconteceu consigo e com muitos outros judeus.

As narrativas de teor testemunhal têm na memória seu principal ponto de apoio e a narrativa de Primo Levi não é meramente um romance autobiográfico, mas um grito de denúncia contra um dos fatos mais trágicos da Humanidade. Primo Levi consegue nos imergir em sua obra fazendo justamente o que ele se propunha a fazer, isto é, narrar para que nós leitores nos transformássemos em participantes.

O texto nos faz refletir como bem enfatiza o próprio autor acerca da humanidade. Até que ponto, após tanta crueldade e violência com o outro, podemos chamar o algoz de humano? Primo Levi, entretanto, em nenhum momento da obra se mostra, apesar de todo o trauma vivido, um narrador rancoroso, vitimizado ou cheio de ódio. O título da obra em si já é uma reflexão...É isto um homem?

**REFERÊNCIAS**

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Presses Universitaires de France. Paris, France, 1968.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 3, 1989.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; NESTROVSKI, Arthur (Org.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

SELIGMANN-SILVA,Márcio. **Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção.** Letras, Santa Maria, n. 16, p. 09-37, jan./jun., 1998.

TORRES, Margareth. **Sóror Juana Inês de La Cruz: autobiografia e recepção**. Orientador: Alfredo Adolfo Cordiviola. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2013.